

Meus queridos amigos: -

Eu vim de longe. De muito longe. Vim da costa oriental
do Continente Negro, terras sem repisculo, em cujo céu o
Cruzeiro do Sul substitui a Ursa maior e onde a lua,
nos seus quarteis, não é mentirosa.

Dante essas paragens do fim do mundo - o Índico
moredico mas não colérico que, no Cabo Tormen-
tois, entrega saudades ao atlântico e do atlân-
tico o recebe iguais — ~~mas~~ vai-vém sentimental

que não tem parança.

Sim, venho de Rocamlique, de Lourenço Marques — a
cidade cheia de luz e de feitiço, em que o gri-
to rubro dos acácias e o lamento roto dos
jacarandás são inspecíveis notas de cor, e em
que os nomes dos seus bairros andam no ar como
repiques ~~de~~ festivos: Malhangalene, Mavalane, Maxaque-
ne, Munkuana, Polana, Xipamarine...

Minha mãe disse-me que esqueço o Porto. Este Porto
pão, pão, queijo queijo, biscoito de Santa Liberdade,

sério, leal, hospitaleiro, admirável que, uma vez dentro
do círculo, nunca mais de lá pode sair.

a minha imagem foi uma imagem de saudade.
abraciei, em púlbis, amigos vivos — recordei, dilectando,
amigos mortos.

a saudade é mais forte na terra do que no mar!

Parti a caminho para Lisboa e, no sábado, para

Laurel, Marques. De novo a África pela

Europa. De novo envergo a túnica rota da

Saudade. De novo a ausência a converter-se
em presença.

Levo-o a todos no círculo. É um lugar - como que

sabe bem repetir. E Afé, depois a alguns

anos, quando eu tomava a minha pátria, os meus

se reunidos à minha volta, tão generosos,

tão carinhosos, tão amigos.

a todos — a minha gratidão eterna.